As quatro estações



Del Sig.r D. Antonio Vivaldi

Traduzidas por José André Lôpez Gonçâlez

CÍRCULO EDIÇÕES

As quatro estações

Le quattro stagione

Antonio Vivaldi

Traduzidas para português da Galiza por José André Lôpez Gonçâlez

Prólogo de Carlos Durão Rodrigues,
numerário da Academia Galega da Língua Portuguesa

Círculo Edições
Editorial poética galego-portuguesa

Separata de *Elipse*. Revista literária galego-portuguesa. Outubro de 2014
ISSN: 2386-2807. Depósito legal VG-885-2013. Creative Commons Atribution 3.0.

Prólogo

Inseparavelmente ligados às famosas e formosas *Quatro Estações*, de A.L. Vivaldi, vão sempre os não menos famosos e formosos Quatro Sonetos, talvez inevitavelmente atribuídos ao próprio Vivaldi («*Il Prete Rosso*», pela sua cabeleira roxa), embora não assinados por ele na partitura, publicada em Amsterdã em 1725, com mais oito concertos, com o nome *Opus 8*, conhecido por «*Il Cimento dell'Armonia e dell'Inventione*» (prova/contraste entre a harmonia e a invenção).

A partitura vai marcada com letras do alfabeto, que correspondem às dos sonetos, apontando assim quais frases musicais se referem as quais linhas. Poemas descritivos da música? Música descritiva dos poemas? A estrutura parece indicar que primeiro foram os sonetos e depois a música, mas, que eu saiba, não há constância disso, como tampouco da autoria daqueles.

Todo o qual não nos impede, séculos depois da sua criação, desfrutar da boa interpretação desta música e da boa leitura destes sonetos, em boa homenagem ao génio criador, afinal, de ambos.

E boa, boníssima, homenagem, é a sua tradução para a nossa língua, amorosamente feita por J. André Lôpez Gonçâlez num belo "tetráptico" (se cabe a analogia com "tríptico"), no que vão coloridamente acompanhados por clássicas reproduções pictóricas e por, no remate, a própria homenagem do

tradutor, agora autor dum soneto, assinado em Romeor de Caurel, no 28 de julho de 1995 (e dedicado ao escultor Raul Rio Diaz).

As traduções foram publicadas antes na revista *Agália* (núm. 54, verão, 1998, pp. 227-229); entre as duas versões há algumas diferenças lexicais e gráficas (além dalgumas gralhas, propriamente ditas, na versão da *Agália*, bem como na transcrição do italiano na revista).

Elas acaem perfeitamente à nossa língua. Não é fácil manter a rima, e sobretudo o ritmo, e a musicalidade, que não é o mesmo, mas o tradutor consegue-o com brilhantez, e também no léxico (*mormorio* passa a *borborinho*, *gardelino* a *xilgarinho*, *rumore* a *algueirada*, *oppressa* a *assovalhada*)

A língua portuguesa está de parabéns. Não só lhe chega um belo presente nesta versão dum clássico que faltava, mas ela chega-lhe desde a Galiza, a fonte matricial, e ainda viva, da língua que nos une.

Desfrute a leitora e o leitor da musicalidade destes versos, por excelência musicais. E sejam as derradeiras palavras para o derradeiro terceto do soneto por André dedicado a Vivaldi:

Estremece-se a vida em partitura
e o mundo entoa, adagio e maestoso,
um canto eterno polo Prete Rosso.

Carlos Durão
21 de julho de 2010

A primavera



Primavera

Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi, dito Sandro Botticelli (1445 - 1510).

La Primavera

Op. 8, No. 1



Fonte: *Nels Drue Daily*, ND Music Edition, No. 004, 2010. Creative Commons Attribution 3.0.

La primavera

Giunt'é la Primavera e festosetti
La Salutan gl'Augei con lieto canto,
E i fonti allo Spirar de'Zeffiretti
Con dolce mormorio Scorrono intanto:

Vengon' coprendo l'aer di nero amanto
E Lampi, e tuoni ad annuntiarla eletti;
Indi tacendo questi, gl'Augelletti
Tornan' di nuovo al lor canoro incanto:

E quindi Sul fiorito ameno prato
Al caro mormorio di fronde e piante
Dorme'l Caprar col fido can' à lato.

Di pastoral Zampogna al Suon festante
Danzan Ninfe e Pastor nel tetto amato
Di primavera all'apparir brillante.

A primavera

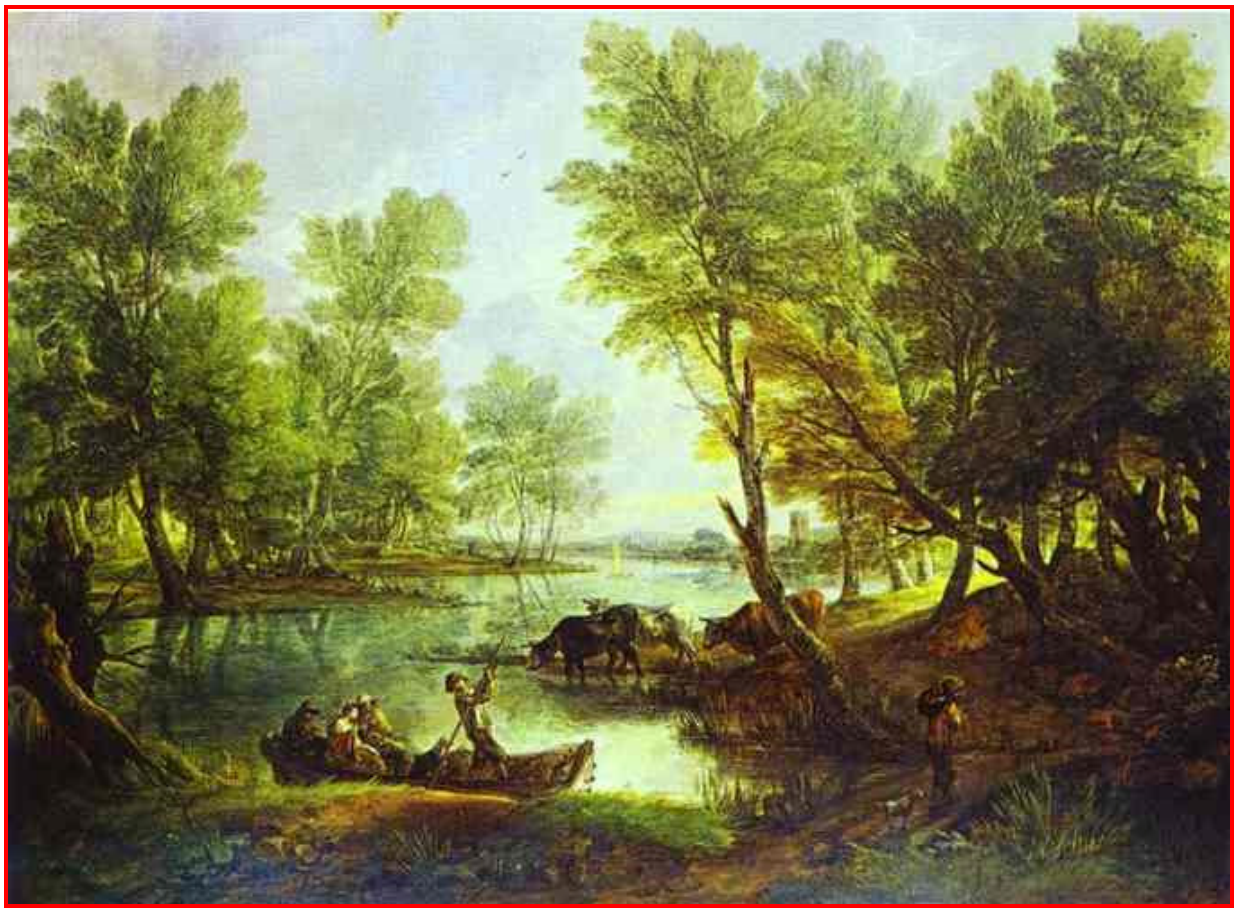
Chegou a Primavera e ledamente
pássaros a saúdam c´o seu canto,
Sob o Céfiro as fontes docemente
com borborinho correm entretanto:

Vão cobrindo o ar com negro manto
anúncios de trono e relustre ardente
ora, depois o pássaro silente
torna de novo ao seu canoro encanto.

E assim, sobre o florido ameno prado
ao querido murmúrio da arvoreda
dorme o cabreiro c´o seu cão ao lado.

Ao som da pastoral sanfonha leda
dançam ninfa e pastor sob teito amado
pois chegou a primavera desta queda.

O verão



Vista de King's Bromley-on-Trent, Staffordshire

Thomas Gainsborough (1727-1788)

L´estate

Op. 8, No. 2



Fonte: *Nels Drue Daily*, ND Music Edition, No. 004, 2010. Creative Commons Attribution 3.0.

L'estate

Sotto dura Staggion dal Sole accesa
Langue L'huom, langue 'l gregge, ed arde il Pino;
Scioglie il Cucco la Voce, e tosto intesa
Canta la Tortorella e'l gardelino.

Zeffiro dolce Spira, mà contesa
Muove Borea improviso al Suo vicino;
E piange il Pastorel, perche Sospesa
Teme fiera borasca, e'l Suo destino;

Toglie alle membra lasse il Suo riposo
Il timore de'Lampi, e tuoni fieri
E de mosche, e mossoni il Stuol furioso!

Ah che pur troppo I Suoi timor Son veri
Tuona e fulmina il ciel e grandinoso
Tronca il capo alle Spiche e a'grani alteri.

O verão

Sob a dura estação que o sol acende
esvaece o homem, a grei e arde o pinho;
Solta o cuco a voz e sei que atende,
canta a rola e canta o xilgarinho

Doce sopra o Zéfiro, mas contende
Bóreas aginha c´o seu vizinho;
Chora o pastor porque medoso atende
o trovão e seu fado, mas que está estinho;

Repouso rouba aos membros das canseiras
o medo do relampo e trovoada
e as furiosas moscas da mosqueiras.

São as suspeitas certo verdadeiras,
troa e fulmina o céu e a pedrada
troncha as espigas de trigo altaneiras.

O outono



Festa no campo

Giorgio Barbarelli da Castelfranco, chamado Giorgione (1477-1510)

L´ autumno

Op. 8, No. 3



Fonte: *Nels Drue Daily*, ND Music Edition, No.004, 2010. Creative Commons Attribution 3.0.

L'autunno

Celebra il Vilanel con balli e Canti
Del felice raccolto il bel piacere
E del liquor di Bacco accesi tanti
Finiscono col Sonno il lor godere.

Fà ch'ogn'uno tralasci e balli canti
L'aria che temperata dà piacere,
E la Staggion ch'invita tanti e tanti
D' un dolcissimo Sonno al bel godere.

I cacciator alla nov'alba à caccia
Con corni, Schioppi, e canni escono fuore
Fugge la belua, e Seguono la traccia;

Già Sbigottita, e lassa al gran rumore
De'Schioppi e canni, ferita minaccia
Languida di fuggir, mà oppressa muore.

O outono

Celebra o lavrador com baile e cantos
da feliz colheita o contentamento
e acesos de licor de Baco, tantos
no sono findam seu divertimento.

Faz deixar a cada um o baile e cantos
o ar, que tépido da contentamento,
e a estação que está invitando a tantos
de um doce sono ao divertimento.

À alva o caçador marcha de caça
com cornos, espingarda e cães de raça.
Foge a fera mas, seguem-lhe a pegada;

Aterrada e cansa pola algueirada
de espingardas e cães, ainda ameaça
sem forças já, mas morre asovalhada.

O inverno



A nevada

Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828)

L'Inverno

Op. 8, No. 4



Fonte: *Nels Drue Daily*, ND Music Edition, No.004, 2010. Creative Commons Attribution 3.0.

L'inverno

Aggiacciato tremar trà nevi algenti
Al Severo Spirar d'orrido Vento,
Correr battendo i piedi ogni momento;
E pel Soverchio gel batter i denti;

Passar al foco i di quieti e contenti
Mentre la pioggio fuor bagna ben cento;
Caminar Sopra'l giaccio, e à passo lento
Per timor di cader gersene intenti;

Gir forte Sdruzziolar, cader à terra,
Di nuovo ir Sopra 'l giaccio e correr forte
Sin ch'il giaccio Si rompe, e Si disserra;

Sentir uscir dalle ferrate porte
Sirocco, Borea, e tutti i Venti in guerra
Quest'è 'l verno, mà tal, che gioja apporte.

O inverno

Geado aterecer trás neve algente
ao severo morrer de hórrido vento,
correr batendo os pés todo o momento;
por sobejo gelo bater o dente;

Passar ao lume o dia quedo e contente
enquanto a chuva fora molha a cento;
Caminhar polo laço a passo lento
por temor de cair ir continente;

Andar firme, escorrer e baquear,
de novo sobre o laço ir recear
deixando ao andar cristais quebrados;

Sentir silvar pola ferrada porta
Sirocos, Bóreas, ventos alçados.
Isto é o inverno, que ledice aport

A Vivaldi
28 de Julho de 1741



O Grande Canal e a Igreja da Saúde.

Giovanni Antonio Canal, dito Canaletto (1697-1768)

Para o escultor Raul Rio Diaz
na mais funda lembrança de amizade

Imagina o doce padre melodias
pianíssimas nos sol-pores dourados
de Caríntia, acordes compassados
de alada fuga no fugir dos dias.

Tremam duas tristes melancolias
nos claros olhos, velhos e cansados,
— pizzicato dos dias acordados —
e sonha um Piave largo de harmonias.

Declina o sol afagando o retarde
da lembrança e o mofo que perdura.
E ainda fica no lago a luz da tarde.

Estremece-se a vida em partitura
e o mundo entoa, adagio e maestoso,
um canto eterno polo Prete Rosso.

28 de Julho de 1995
Romeor de Caurel